

Uma lenda chamada Karl Marx e o seu Marxismo

de Atílio A. Boron.

Resumo: este presente artigo é síntese da visão do Sociólogo Argentino Atílio A. Boron, que trata dessa lenda tão estudada e questionada chamada Karl Marx e o seu Marxismo. Depois de sua morte o Marxismo teve muitos desdobramentos, ressurreições, aglutinações e divisões. Por isso que até hoje é objeto de estudo dentre seus admiradores e seus opositores. Assim, achei importante não fica somente na área de História, e coloquei no breve debate Economista; Filósofos; Ensaístas; Jornalista; Políticos; Marxistas; Críticos Literários; Ativista Operário. A ideia é contrapor e somar as visão e nunca diminuir qualquer seja opinião dos Intelectuais estes são: Adolfo Sánchez Vazquez; Allan G. Johnson; Antonio Gramsci; Ernesto Laclau; Giacomo Marramao; Giuseppe Vacca; Hasn-Jurgen Krahl; Joseph Shumpeter; Joseph Wedmeyer; Karl Kaustky; Lucio Colletti; Nico Poulantzas; Perry Anderson; Rosa Luxemburgo; Umberto Cerroni; Victor Adler e William Petty.

Abstract: This article is a synthesis of the vision of the Argentine Sociologist Atílio A. Boron, which deals with this legend, so studied and questioned called Karl Marx and his Marxism. After his death Marxism had many unfoldings, resurrections, clusters and divisions. That is why until today it is object of study among its admirers and its opponents. Thus, I found important is not only in the area of History, and I put in the brief Economist debate; Philosophers; Ensaístas; Journalist; Politicians; Marxists; Literary Critics; Operative worker. The idea is to counter and add the vision and never diminish any opinion of the Intellectuals these are: Adolfo Sánchez Vazquez; Allan G. Johnson; Antonio Gramsci; Ernesto Laclau; Giacomo Marramao; Giuseppe Vacca; Hasn-Jurgen Krahl; Joseph Shumpeter; Joseph Wedmeyer; Karl Kaustky; Lucio Colletti; Nico Poulantzas; Perry Anderson; Rosa Luxemburg; Umberto Cerroni; Victor Adler and William Petty.

Segundo Atílio A. Boron¹, não precisa ser Marxista para dar o braço torcer que o legado gerado por Marx e seus desdobramentos são indiscutíveis. Isso é independente da minha bandeira política. Pois, Marx leu o seu tempo como Economista; Filósofo e Sociólogo o Mundo Intelectual do Século XIX não poderia ser pensado sem ele. E pode crescer-se no currículo o posto de Filósofo Político, algo talvez não impensado para a época. “Muitos o consideram como um economista que dedicou grande parte de sua vida a refutar os ensinamentos dos pais fundadores da disciplina: William Petty², Adam Smith³ e David Ricardo⁴– desenvolvendo, em função disto, um impressionante sistema teórico”

¹ Argentino; Teórico Social; Teórico Político; Professor da Faculdade de Ciência Sociais de Buenos Aires e do Conselho da América Latina é Secretário Executivo.

² Inglês de Hampshire ou Romsey, nascido de 27 de Maio de 1623. Um dos Pais da Economia Política; Filósofo e Cientista. Pai da Aritmética Política; estudo de medição da riqueza de um País; Visionários das grandes Transações Internacionais; um dos idealizadores do Laissez Faire. Todavia, teve grandes influências de Descartes; Thomas Hobbes; Gassendi e Mersenne. Trabalhou nas áreas de Econometria; Produção Nacional; Economia Monetária.

³ “nasceu em Kirkcaldy, Fifeshire, Escócia, em 1723, filho de uma típica família da classe alta não nobre da época. Seu pai, Adam Smith, era funcionário público que chegou a ocupar postos de certa importância na administração escocesa e sua mãe, Margareth Douglas Smith, descendia de proprietários de terras do condado de Fife. Da infância de Adam Smith pouco se registra além do fato pitoresco de que, aos quatro anos, quando em visita a seu avô materno, teria sido raptado por um bando de ciganos, mas, felizmente, recuperado poucas horas depois. Um evento, entretanto, parece ter marcado seus primeiros anos e define os profundos laços afetivos que quase até o fim de sua vida o uniriam a sua mãe: a morte prematura do pai poucos meses antes do nascimento de Smith, que seria o único filho do casal. Na opinião de contemporâneos íntimos de Smith, Margareth Smith, falecida apenas dois anos antes de sua morte, foi o grande amor do grande filósofo e economista, que nunca se casou” (FRITSH, 1996, 013 p.)

⁴ Segundo Felipe Macedo de Holanda: “Um dos maiores economistas de seu tempo, David Ricardo foi considerado ainda em vida o legítimo sucessor de Adam Smith no papel de difusor da jovem ciência

(BORON, 2006, 288-289 p.). Há correntes de Intelectuais que o consideram como Sociólogo, e o Pai da Teoria das Classes Sociais⁵ e sua luta como o Colunista da História Política Vitor Reis de Melo, que ressalta o ponto da vista de Allan G. Johnson⁶:

Do ponto de vista marxista, o conflito e a luta de classe são inevitáveis nas sociedades capitalistas porque os interesses de trabalhadores e dos capitalistas divergem fundamentalmente: os capitalistas acumulam riqueza mediante exploração dos trabalhadores que a produzem; os trabalhadores mantêm ou promovem seu próprio bem estar apenas resistindo à exploração capitalista. Os resultados do conflito de classe se refletem em virtualmente todos os aspectos da vida social – do trabalho para promover a sindicalização e as greves a

conhecida como Economia Política. Sua obra abrange uma vasta amplitude de temas como, dentre outros, política monetária, teoria dos lucros, da renda fundiária e da distribuição, teoria do valor e do comércio internacional, tendo muitas de suas contribuições estabelecido as bases de um debate que se prolonga até os dias atuais (...). David Ricardo nasceu em Londres em 18 de abril de 1772, filho de um abastado comerciante de origem judaica que havia emigrado da Holanda. Ricardo cresceu no mundo “prático” dos negócios, tornou-se operador da bolsa de valores londrina e, ainda jovem, já era dono de considerável fortuna, além de mover-se com familiaridade no mundo dos negócios e das finanças do capitalismo mais avançado de sua época. A Inglaterra acabava de completar a que ficaria conhecida como a Primeira Revolução Industrial, um formidável processo combinado de avanço tecnológico e de transformações sociais que tornara autônoma a produção industrial, livrando-a do controle dos produtores diretos (transformando em proletários os antigos artesãos) e do jugo dos intermediários do comércio. O tear mecânico, a tecnologia a vapor, as estradas de ferro e o avanço da mineração e da siderurgia — as inovações mais importantes do período — permitiram centralizar a produção das manufaturas, reunindo nas primeiras fábricas modernas os produtores antes dispersos e mudando radicalmente o equilíbrio entre campo e cidade na Inglaterra. Completava-se o processo de cercamento no campo (os *enclosures*), com a expulsão dos camponeses das antigas terras comunais e sua migração em massa para os centros urbanos, à procura de trabalho, sob duríssimas condições e ganhando muitas vezes o estritamente necessário para subsistir. O ciclo econômico, nesta nova fase do capitalismo inglês, tinha vindo para ficar e, de tempos em tempos, crises comerciais arrojavam a lucratividade dos empresários e traziam o aumento do desemprego, que piorava mais ainda as condições das massas urbanas. É claro que tal transformação radical nos modos de vida não deixaria de produzir muitas revoltas e agitação social entre os trabalhadores ingleses. Um dos grandes temas em debate na época de Ricardo era a miséria e o aumento da mortalidade entre classes trabalhadoras da Inglaterra” (DE HOLANDA, 1996, 16-17 p.).

⁵ “É outro ponto central na visão histórica de Marx. É um movimento de choque que não tem como se evitar. Devido à própria natureza da organização do sistema econômico, e os pontos de interesses divergentes das Classes. Sendo um caminho histórico de embates como: a Nobreza e os Camponeses no Feudalismo, Operários e Trabalhadores nas Indústrias Capitalistas” (DE MELO, 2016, 12 p.).

⁶ Norte-Americano; PHD. Em Sociologia; Autor e Publicitário. Autor de várias obras, principalmente na área de Sociologia.

campanhas políticas, políticas de imigração e conteúdo da arte, literatura e cultura popular. (JOHNSON, 1997, 47 p.).

A ideia de Karl Marx ser um Sociólogo, não era defendida por ele, muito pelo contrário, “algo que o próprio Marx descartara em sua famosa carta a Joseph Weidemeyer⁷” (BORON, 2006, 289 p.). Entre os Intelectuais também há os que o veem como um Filósofo Materialista Anti-Espiritualista e Anti-Idealista. E os que o veem como um Historiador-Cronista de França da Primavera dos Povos (1848-851). Assim, a grandes massas dos Intelectuais o consideram: “segundo Joseph Schumpeter, como o iracundo profeta da revolução. Marx foi, em efeito, tudo isso, mas também muito mais do que isso: entre outras coisas, um brilhante filósofo político” (BORON, 2006, 289 p.).

Segundo Atílio A. Boron existem rios em Karl Marx que seguem rumo ao Oceano do Marxismo. Norberto Bobbio no seu prisma Liberal-Social não vê uma Teoria Política em Karl Marx, especialmente no ano de 1976, onde escreve artigo no Jornal Italiano Mundo Operário onde reitera essa conclusão de Boron. Naquela década havia uma grande Tríade Marxista Italiana: Umberto Cerroni⁸, Giacomo Marramao⁹, Giuseppe Vacca¹⁰, salientando que, estes são os principais Teóricos Marxistas, pois, essa Teoria tinha muitos adeptos em toda a Europa. Segundo Lucio Colletti, o marxismo:

A verdadeira originalidade do marxismo deve ser buscada mais no campo da análise social e econômica do que na teoria política. Por exemplo, inclusive na teoria do estado, contribuição realmente nova e decisiva do marxismo, teria de levar em conta a base econômica para o surgimento do estado e (consequentemente) das condições econômicas necessárias para a sua

⁷ Oficial Russo e Americano; Jornalista; Político; Revolucionário Marxista. Nasceu no dia 02 de Fevereiro de 1818 em Munser, e faleceu em 26 de Agosto de Saint Louis em Missouri. Um dos livros mais informativos sobre Wedmeyer é: Joseph Wedmeyer: Pioneiro do Socialismo na América, de Karl Oberman.

⁸ Filósofo de Direito; desde 1947 sendo um dos seus Professores mais influentes Pilo Albertelli. Também trabalhou nas áreas de Doutrina Econômica e Doutrina Política na universidade de Lecce. No ano 2000 foi ordenado Professor Emérito de Universidade de La Sapienza.

⁹ Filósofo Político Italiano; Marxista um dos mais notáveis do seu tempo. Nasceu em Catanzaro, em 18 de Outubro de 1946. Tendo passado por várias Universidades Italianas. O mais destacado prêmio de seu currículo é o de *Honoris Causa* em Filosofia pela Universidade Argentina de Córdoba.

¹⁰ Político Italiano; Filósofo do Direito; Especialista em Benedetto Croce e Antonio Gramsci e Professor de Doutrina Política.

liquidação. E isso, por certo, está além dos limites da teoria política em sentido estrito (COLLETTI apud BORON, 2006, 290 p.).

Se olharmos Lucio Colletti¹¹ superficialmente, o veremos como um Radical, e essas conclusões não podem ser tiradas assim. Segundo Atílio A. Boron, o seu equívoco foi em que: “a problemática econômica do surgimento e eventual liquidação do estado é um tema que transcende os limites da teoria política em sentido estrito” (COLLETTI apud BORON, 2006, 290 p.). Colletti lê o Marxismo a partir do Liberalismo. “Colletti, coerentemente, conclui que tudo o que remeter à análise das vinculações entre o estado e a vida econômica ou, dito com mais crueza, entre dominação e exploração, fica fora da teoria política em sentido estrito” (COLLETTI apud BORON, 2006, 291 p.). Ao defender este ponto de vista ele resume bem o Liberalismo colocando em esferas bem díspares e distantes: a Economia e a Política. Isso o coloca em no Labirinto de Minos.

Paul-Michael Foucault vê Karl Marx como um Teórico da Exploração da Elite sobre o Proletariado, ele não tem assunto como o Poder, “cuja capilaridade e dispersão por todo o corpo social, cuja microfísica¹², em uma palavra, teria passado despercebida aos olhos de Marx, mais concentrados nos aspectos estruturais” (FOUCAULT apud BORON, 2006, 291 p.). Na visão do próprio Foucault, não tem sentido a investigação do poder devido a sua natureza. “Contrariamente à abrumada evidência que comprova os alcances extraordinários do processo de “estatização” da acumulação capitalista em nossa época, na visão de Foucault, tratar-se-ia de uma rede que não se localiza em nenhum lugar em especial, nem sequer no estado ou em seus aparelhos repressivos” (FOUCAULT apud BORON, 2006, 291 p.). Segundo Sánchez Vazquez, o Mundo de Foucault decompõe os Micro poderes no interior das Relações de Produção. A Classe Dominante utiliza de todos os meios para se perpetuar no Poder com hipocrisia, disfarces e corrupções. Desse modo, perde-se de vista a natureza de classe que informa o poder social e sua imbricação na luta de classes, ao mesmo tempo em que se faz caso omissivo do papel central que o estado capitalista desempenha como supremo “organizador” da rede de relações de poder mediante a qual a classe dominante assegura o seu predomínio (FOUCAULT apud BORON, 2006, 291 p.).

¹¹ Membro do Partido Comunista Italiano; Filósofo; Ideólogo Político.

¹² Obra prima de Foucault chamada Microfísica do Poder. De onde é cunhado o termo Microfísica de 1979.

O Teórico Político Marxista Louis-Althusser¹³ dividi Karl Marx em dois: o jovem ideológico Marx Anti-Hegeliano, e o segundo Marx é o Homem maduro que se tornaria a inspiração para seguintes gerações mesmo sem suas obras não compiladas. O primeiro é “prescindível”, enquanto que o segundo é fundamental. É na fase “científica” quando Marx se torna “marxista” e culmina luminosamente sua análise do capitalismo. Como veremos mais adiante, a interpretação althusseriana contradiz explicitamente a visão do próprio Marx maduro sobre a sua trajetória intelectual, detalhe este que os althusserianos

¹³ Segundo Tom Bottomore nasceu em: “Birmandreis, Argélia, 16 de outubro de 1918. Em princípios da década de 1960, Louis Althusser, comunista e filósofo francês, propôs uma leitura da obra de Marx que em pouco tempo passaria a exercer significativa influência. Com a publicação de *Pour Marx* (1965) e *Lire Le Capital* (1966), essa interpretação do marxismo conquistou um público internacional. Teve origem como um questionamento dos temas humanistas e hegelianos, então muito comuns na discussão da obra de Marx e inspirados pelos seus primeiros escritos, e sugeria uma nova concepção da filosofia marxista. Althusser procurou impugnar a importância atribuída por muitos a esses primeiros escritos, argumentando que, apesar das semelhanças superficiais entre eles e a obra amadurecida de Marx, tratava-se, no caso, de dois modos de pensar radicalmente distintos. Segundo Althusser, a *problemática* – isto é, o quadro ou sistema teórico que determina a significação de cada conceito específico, as questões suscitadas, as proposições centrais e as omissões – dos primeiros escritos e a da produção madura de Marx são fundamentalmente diferentes. O jovem Marx nos propõe um drama ideológico da alienação e da autorrealização humanas, tendo a condição humana como a autora de seu destino que se desdobra e realiza, aproximadamente como o espírito do mundo em Hegel. No outro Marx, porém, temos uma ciência, o materialismo histórico, a teoria das formações sociais e de sua história, os conceitos de sua explicação estrutural: as forças produtivas e as relações de produção, a determinação pela economia, a superestrutura, o Estado, a ideologia. Os dois sistemas de pensamento estão separados por *corte ou cesura epistemológica* (pela qual uma nova ciência surge de sua pré-história ideológica) e essa cesura ou ruptura é revelada, segundo Althusser, por uma leitura crítica da obra de Marx, capaz de discernir em seu discurso, em suas falas como em seus silêncios, os *sintomas* de sua problemática subjacente. As noções desenvolvidas nessa periodização do pensamento de Marx – problemática, cesura epistemológica e a ideia de uma assim chamada *leitura sintomal* –, foram propostas por Althusser como pertencentes, elas próprias, à nova filosofia revolucionária inaugurada *por* Marx. Essa filosofia, o materialismo dialético, está implícita nos fundamentos da ciência do materialismo histórico – embora necessite, por ser apenas implícita, de articulação e desenvolvimento – e constitui, em primeira instância, uma epistemologia, uma teoria do conhecimento ou da ciência. O principal alvo dessa filosofia é o empirismo, uma visão do conhecimento na qual o sujeito que conhece enfrenta o objeto real descobrindo sua essência pela abstração e que busca, a partir dessa suposição de um encontro direto do pensamento com a realidade, de uma visão não mediada do objeto pelo sujeito, garantias externas da verdade do conhecimento. À concepção do conhecimento como uma visão, o materialismo dialético opõe a sua concepção do conhecimento como produção, como uma prática teórica, constituindo, portanto, ele próprio, materialismo dialético, a teoria da prática teórica” (BOTTOMORE, 2000, 25-26 p.).

passam alegremente por alto. (ALTHUSSER apud BORON, 2006, 292 p.). O Cientista Político francês Nico Poulantzas¹⁴ bebe dessa mesma opinião de que existem dois Karl Marx. O resultado disso foi uma pouca importância de Karl Marx como um Teórico Político. “A visceral rejeição de Poulantzas – um refinado teórico que não conseguiu neutralizar o dogmatismo althusseriano que tantos estragos fizera no pensamento marxista – ao legado teórico do jovem Marx soa escandalosa em nossos dias, o mesmo que essa deplorável separação entre um Marx ideológico e um Marx científico” (POULANTZAS apud BORON, 2006, 292 p.). Ernesto Laclau¹⁵ e Chantal Mouffe¹⁶ são Pós-Marxistas usam do Estruturalismo para tentar resgatar o Marxismo como se fossem heróis. Indiscutivelmente, é um movimento de superação.

É evidente que, para essa corrente, a “superação” do marxismo é um assunto de inventividade retórica, e que se resolve no terreno da arte do bem-dizer. De onde se segue que, por exemplo, a “superação” do tomismo nada teve que ver com a decomposição do regime feudal de produção e sim com a diabólica superioridade das argumentações dos contratualistas. Não há dúvidas de que o marxismo haverá de ser superado, mas isso não ocorrerá como consequência de sua derrota no ringue da dialética argumentativa, e sim como resultado da desaparecimento da sociedade de classes. Sua definitiva “superação” não é um problema que se resolva no plano da teoria, e sim na prática histórica das sociedades (POULANTZAS apud BORON, 2006, 292-293 p.).

Para o Filósofo Político Norberto Bobbio nunca existiu a Ciência Política Marxista ou Democracia Burguesa, devido aos seguintes motivos. **Primeiro:** os Teóricos Políticos Marxistas focalizam o Poder como centro de sua Teoria, Isso não esvaziava a Teoria que bebia dos acontecimentos da Esquerda Operária e de suas Revoluções, que acabou contaminando a Teoria de maneira bem natural. Em consequência, a obra mariana não podia ser alheia a essa realidade, sobretudo se levamos em conta que, quase até o final do século passado, a premissa indiscutida das diversas estratégias políticas dos partidos de esquerda era a iminência da revolução (BOBBIO apud BORON, 2006, 293

¹⁴ Filósofo; Sociólogo grego; Marxista; Ativista; membro do Partido Comunista Grego; suas obras trabalhavam por diversas áreas como: Economia; Política; Ideologia; Poder Executivo e Legislativo.

¹⁵ Teórico Político; Pós-Marxista; Pesquisador; Professor Universitário. Tendo sido laureado como título de *Honoris Causa* de diversas Universidades dentre elas: Córdoba; Essex; Buenos Aires San Juan e Rosário. E é considerado no seu tempo como um dos maiores Intelectuais vivos.

¹⁶ Esposa de Ernesto Laclau e companheira de suas Pesquisas na área de Política.

p.). **Segundo:** O Estado Socialista foi Inconstante e Veloz. O seu alvorecer e o seu anoitecer foram na basicamente na Primavera dos Povos, “na qual a ditadura do proletariado realizaria as tarefas necessárias para criar as bases materiais requeridas para efetivar o autogoverno dos produtores, ou seja, o não-estado comunista” (BOBBIO apud BORON, 2006, 293 p.). **Terceiro:** após a Revolução Russa de 1917 nasceram alguns Marxismos notáveis e de grandes Intelectuais como: o Marxismo a Segunda Internacional; o Marxismo da Terceira Internacional; O Marxismo da Revolução Russa; a Escola de Budapeste; a Escola de Frankfurt; o Trotskismo; O Marxismo Anglo-Saxão, mas, esses também contribuíram para o esvaziamento do próprio Marxismo.

Do seu ponto de vista, essa pluralidade de leituras e interpretações do marxismo não significava necessariamente algo ruim em si mesmo, muito menos um escândalo, deveria inclusive ser interpretada como um “sinal de vitalidade”. É claro que, comenta o filósofo italiano, uma das consequências perversas dessa pluralidade foi a proliferação de contendas ideológicas que desgastaram as energias intelectuais dos marxistas em inúteis controvérsias como, por exemplo, aquela acerca de se o marxismo é um historicismo ou um estruturalismo (BOBBIO apud BORON, 2006, 294 p.).

Segundo Perry Anderson¹⁷, os efeitos negativos da Revolução Russa e do Stalinismo no Mundo Ocidental foram grandes marcos de redirecionaram o Marxismo para o Mundo, “a reflexão teórica marxista se afasta rapidamente do campo da economia e da política para se refugiar nos intrincados labirintos da filosofia, da estética e da epistemologia” (ANDERSON apud BORON, 2006, 294 p.). Para Antonio Gramsci¹⁸ é uma Instituição Teórica e pronto, que já estabeleceu, essa posição já era defendida em nos anos de 1970.

A indiferença diante das exigências da conjuntura e a constituição de um saber filosófico centrado em si mesmo são os traços distintivos do “marxismo ocidental”, um marxismo transmutado numa escola de pensamento, e no qual o nexos inseparável entre teoria e práxis proposto por seus fundadores dissolve-se completamente. A teoria se torna um fim em si mesma e abre o caminho ao “teoreticismo”, a famosa Décima-primeira Tese sobre Feuerbach que convida

¹⁷ Marxista; Ensaísta Político; Professor e Historiador. Sofreu influências Jean-Paul Satre e Thompsom. Inglês Seu nome completo é: Francis Rory Peregrine Anderson.

¹⁸ Crítico Literário; Jornalista; Filósofo Marxista Político Italiano. É Pai da Teoria da Hegemonia Cultural, ferramenta da qual a Direita usa para se conservar no poder, pelo caminho do Estado.

os filósofos a transformarem o mundo fica arquivada, e o marxismo se transforma num inofensivo saber acadêmico, uma corrente a mais na etérea república das letras (GRAMSCI apud BORON, 2006, 294 p.).

Mas, os intelectuais quando se confrontam os seus pensamentos não são tão distantes como se parece, principalmente, Norberto Bobbio e Colletti. E acresce-se a própria visão de Karl Marx sobre sua Teoria Política. “Constitui uma etapa obrigatória na história da teoria do Estado moderno. Após o qual devo dizer, com a mesma franqueza, que nunca me pareceram de igual importância as famosas, as por demais famosas, indicações que Marx extraiu da experiência da Comuna e que tiveram a fortuna de serem logo exaltadas por Lênin” (MARX apud BORON, 2006, 295 p.). Segundo Atílio A. Boron, a leitura de Norberto Bobbio é a respeito de Karl Marx, para deixar bem claro, e não do Marxismo compilado e continuado por nomes como: Engels; Luxemburgo¹⁹; Karl Kautsky²⁰; Vitor Adler²¹; Antonio Gramsci e outros. “É claro que nossa rejeição ao sofisticado *desprezo* de Bobbio pelo mesmo não deveria nos levar tão longe a ponto de aderir a uma tese que se situa nas antípodas e que sustenta, a nosso entender, de maneira equivocada, que “a autêntica originalidade da obra de Marx e Engels deve ser buscada no campo político, e não no econômico ou no filosófico” (BLACKBURN apud BORON, 2006, 295 p.).

A crítica de Norberto Bobbio ao Marxismo da Marx deve ser levada em conta os seus Opositores destes, o que não pode ser esquecido é Hegel. Ainda na visão do Bobbio, o Hegelianismo tem uma função importante na Filosofia Política Burguesa da Karl Marx localizada especialmente na Europa de 1850-1900. “A agenda da política dos estados capitalistas tinha outras prioridades: a reafirmação dos direitos individuais, o estado mínimo, a separação de poderes, as condições que assegurassem uma democratização sem perigos para as classes dominantes, a relação estado/mercado, entre outros temas, e a agenda teórica da filosofia política não era alheia a essas prioridades” (BLACKBURN apud BORON, 2006, 296 p.).

Norberto Bobbio ele acaba diminuindo a importância de Hegel, pois, não se estruturou como uma Enciclopédia de Política, todavia, deixou uma herança ideológica de suma importância, “um Estado cuja “neutralidade” na luta de classes se materializa na

¹⁹ Economista Marxista e Filósofa;

²⁰ Filósofo; Teórico Marxista; Jornalista e um dos Pais de Socialdemocracia. Idealizadores da Mais-Valia.

²¹ Ativista Operário; Político; Químico e Médico.

figura de uma burocracia onisciente e isolada dos sórdidos interesses materiais em conflito, e tudo isso o facultava para aparecer como o representante dos interesses universais da sociedade e como a encarnação de uma juridicidade despojada de toda contaminação classista” (BOBBIO apud BORON, 2006, 296-97 p.). O Utilitarismo de traz à tona a voracidade do Capitalismo que é desleal, desumano e a prática do Darwinismo Social e o Individualismo Radical. Na outra ponta, o hegelianismo expressa, diferentemente, o rosto civilizado do modo de produção, ao exibir um Estado que flutua por cima dos antagonismos de classe, que só atende à vontade geral e que desconsidera os interesses setoriais (BOBBIO apud BORON, 2006, 297 p.). Os Gramscianos resumem desse modo: “poderíamos dizer que, enquanto o utilitarismo, epitomado na figura do *homo economicus*, fornecia os fundamentos filosóficos para a burguesia como classe dominante, o hegelianismo fez sua parte quando essa mesma burguesia lançou-se a construir sua hegemonia” (OS GRAMSCIANOS apud BORON, 2006, 297 p.).

Para Atílio A. Boron, mesmo diante pouco desenvolvimento tecnológico alemão diante aos franceses ou ingleses, Hegel deixou um legado teórico dentro do Capitalismo voraz que conhecemos, ele se tornou um dos Pais do Liberalismo Clássico. Pois, o Novo Estado Industrializado, não saciava a Nova Sociedade Civil. “A lógica destrutiva do capitalismo, baseada na potenciação dos apetites individuais e do egoísmo maximizado de lucros, requer um Estado forte, não por acaso presente em todos os capitalismos desenvolvidos, para evitar que tal lógica termine sacrificando a sociedade toda em função do lucro do capital” (BORON, 2006, 297 p.). Segundo Hans-Jürgen Krahl, Hegel é o grande Sacerdote Espiritual do Capitalismo: “o pensador metafísico do capital [...] o disfarce idealista e metafísico do regime capitalista de produção” (KRAHL apud BORON, 2006, 297 p.).

Uma das maiores contribuições de Karl Marx, foi uma de suas obras é a: “Introdução Geral à Crítica da Economia Política de 1857”. Onde Marx, redigi o trabalho como um Cientista Política e um Filósofo Político, ele faz uma espécie de análise do Estado e da Política, isso é indiscutível para que os seus críticos como Norberto Bobbio não comprimam o seu papel diante de tantas evidências, que ele não poder ser resumido como um simples Historiador, devido, há tantos desdobramentos de seus Estudos por Mares dantes nunca navegados por ele saindo do périplo da História. “É importante notar aqui que estamos falando de uma “volta” frustrada e não de uma “ida”. Contrariamente ao sustentado pelos althusserianos, Marx havia planejado retornar à filosofia política, da qual havia partido, e não acudir pela primeira vez a ela uma vez esgotadas suas

explorações no terreno da economia política” (BORON, 2006, 297 p.). Sem falar que o *Capital* é uma obra com muitos tons, não somente, sociais, mais econômicos, políticos e históricos. Segundo Boron, o Anti-Hegelianismo têm três centros descritos na *Obra Ideologia Alemã*²² de Karl Marx. **Primeiro:** critica o Céu, ou seja, a Religião. Todas as Teorias de Hegel foram Santificadas pela religião como se o esmo quase que não fosse homem.

Tal como coloca na *Introdução à Crítica da filosofia do direito de Hegel*, é necessário passar da crítica do céu para a crítica da terra. Nesse trânsito, “a crítica da religião é, pois, o *germe* da crítica do vale de lágrimas, do qual a religião é a *auréola*” (Marx, 2005: 146). Seria difícil exagerar a importância e a atualidade dessa tese, toda vez que ainda hoje encontramos que o saber convencional da filosofia política em suas diferentes variantes –o neo-contratualismo, o comunitarismo, o republicanismo e o libertarianismo– persiste obstinadamente em voltar os olhos para o céu diáfano da política com total prescindência do que ocorre no pantanoso solo da sociedade burguesa. Assim, constroem-se belos argumentos sobre a justiça, a identidade e as instituições republicanas sem se preocupar por examinar a natureza do “vale de lágrimas” capitalista sobre o qual devem repousar tais construções (BORON, 2006, 299 p.).

Segundo: a missão da Filosofia. É de nos fazer refletir e problematizar o nosso não aceitando tudo que tenta nos descer goela baixo. Assim, como História é uma tentativa de descrever o Mundo sem a atuação dos deuses, como a Filosofia Antiga tinha como base. A Filosofia acaba sendo a “práxis” do próprio Marx, em tentar trazer o que se reflete para a prática, não separando a prática de tória ou vice-versa.

A missão da filosofia é desmascarar a auto alienação humana em todas as suas formas, sagradas e seculares. Para isso, a teoria deve se converter em um poder

²² “O ponto de partida de toda esta reflexão está na análise do significado da política para Marx: sua essência como atividade prática e seu significado no conjunto da vida social. Como devemos lembrar, Marx inicia o seu projeto teórico precisamente com uma crítica ao Estado, à política e ao direito, a mesma que se reflete em diversos escritos juvenis, tais como *A questão judaica*, a *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, a *Introdução* a tal texto (publicada originariamente nos Anais Franco-Alemães, em 1844) e vários outros escritos menos conhecidos, como *Notas críticas sobre “O Rei da Prússia e a reforma social. Por um prussiano”*, para culminar com o volumoso texto, escrito junto com Friedrich Engels, no outono belga de 1845, *A ideologia Alemã*. Para aprofundar o estudo do pensamento teórico-político do jovem Marx, existem, afortunadamente, dois textos magistrais, cuja leitura recomendo efusivamente: Michael Löwy, 1972 e Fernando Claudín, 1975” (BORON, 2006, 298 p.).

material. O que exige que ela seja capaz de se “apoderar” da consciência das massas. Para tanto, a teoria deve ser “radical”, isto é, ir até o fundo das coisas (Marx, 2005). Um fundo que, no jovem Marx, era de caráter antropológico, “o homem mesmo”, mas que ao longo de sua trajetória intelectual haveria de se perfilar, nitidamente, no Marx maduro, em sua natureza estrutural. O fundo das coisas estaria, daí em diante, constituído pela estrutura da sociedade burguesa” (BORON, 2006, 299 p.).

Terceiro. A alienação total do Estado Hegeliano, tanto que Hegel a chega defender o Estado como “A Marcha de Deus no Mundo”. A alienação é perda total da visão o Operariado nunca sabe de todo processo ficamos viciados a só conhecemos o braço esquerdo do sofá. E nunca nos vemos como a parte mais importante de uma fábrica. Por exemplo, o Motorista com o Cobrador arrecada cerca de 300 passagens por dia em 26 dias, é igual e 7.800 passagens mais isso não reflete o seu salário, assim ele arrecada cerca de R\$ 31.200 quando a passagem custando R\$4.00. A Alienação é a diferença do que se ganha em relação ao que você produz. Todavia, somando os dois salários o Motorista ganha cerca de R\$ 2.000, e o Cobrador cerca de R\$ 1.200. A alienação é o R\$ 31.200, subtraído de R\$ 3.300. Fica para a Empresa: R\$ 28.00. Para Tom Bottomore a alienação:

No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio ou auto alienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). E a alienação de si mesmo não é apenas uma entre outras formas de alienação, mas a sua própria essência e estrutura básica. Por outro lado, a “auto alienação” ou alienação de si mesmo não é apenas um conceito (descritivo), mas também um apelo em favor de uma modificação revolucionária do mundo (desalienação) (BOTTOMORE, 2000, 18-19 p.).

Em suma, os desdobramentos da lenda chamada Karl Marx são incontáveis. Tanto pelo prisma dos que o admiram ou pelo fiel machado crítico dos que o odeiam ou que simplificam. Todavia, ninguém de qualquer dos lados pode apagar ou tentar reescrever o seu legado teórico deixado através de suas obras. A questão não é gostar ou não, e sim, respeitar porque uma lenda de qualquer Ciência não é construída em um dia, e sim, em

muitos anos. Pois, os frutos do trabalho de Karl Marx são os incontáveis Marxismos que surgiram depois dele que não dominam o Mundo, mas, até hoje incomoda a Direita Dominante. E essa pedra nunca será tirada do sapato deles.

Bibliografia:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1026 p.

BOBBIO, Norberto, 1909. *A teoria das formas de governo*. Tradução de: Sérgio Bath, 9ª edição. Brasileira: Editora Universidade de Brasília, 1997, 183p.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política I.*; tradução: Carmen C, Varriale et ai. Coordenador de tradução: João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 11ª ed., 1998. Vol. 1: 674 p.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política I.*; tradução: Carmen C, Varriale et ai. Coordenador de tradução: João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. Vol. 2: 674 p.

BONAVIDES, Paulo. *Ciência Política*. Editora Malheiros. 10ª Edição, revista e atualizada, 9ª tiragem. Composição: Helvética Editorial. Capa: Vera Lúcia Amato. 1994, 616 p.

BORON, Atílio A. Filosofia política e crítica da sociedade burguesa: O legado teórico de Karl Marx *in: Filosofia Política Moderna: de Hobbes a Marx – 1ª Edição - Traduzido por: Celia Lagrutta*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais - CLACSO; San Pablo: Depto. de Ciência Política - FFLCH - Universidade de São Paulo, 2006, 449 p.

DO CARMO, Jefferson Carriello. A Reforma do Ensino Médio, de Giovanni Gentile, e o Estado Fascista *in: Revista de Estudos de Educação: Quaestio*, ano 03, nº 01, Maio de 2001.

HEYWWOD, Andrew. *Ideologias Políticas, [v.1]: do Liberalismo ao Fascismo*. Tradução: Janaína Marco Antonio, Mariane Janikian. 1ª Ed. 1ª impressão. São Paulo: Ática, 2010.

HEYWWOD, Andrew. *Ideologias Políticas, [v.2]: do Liberalismo ao Fascismo*. Tradução: Janaína Marco Antonio, Mariane Janikian. 1ª Ed. 1ª impressão. São Paulo: Ática, 2010.

QUINTANEIRO, Tania. *Um toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2ª ed. Revista e atualizada. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2009.